



PERSPECTIVA FEMININA EM STEM: EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DE PERMANÊNCIA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

DOI: 10.37702/2175-957X.COBENGE.2025.6212

Autores: THAMYRIS NUNES SUGAHARA, LILIAN BERTON, DESAFIOS, ESTRATÉGIAS DE PERMANÊNCIA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Resumo: A participação feminina nas áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (STEM) permanece historicamente abaixo do ideal, com cerca de 35% de graduadas mundialmente. Além da redução geral de ingressos em STEM após a pandemia de COVID-19, as mulheres enfrentam estereótipos desde o ensino médio, que afetam sua confiança, decisão de ingressar e desempenho acadêmico. Este estudo busca compreender, a partir de dados coletados junto a alunas de uma universidade brasileira, as percepções, barreiras, motivações e estratégias de permanência no ensino superior em STEM. Ao focalizar as dimensões socioculturais e institucionais de inclusão, pretende-se identificar fatores que promovam ações mais efetivas de apoio às mulheres em cursos STEM, contribuindo para reduzir a disparidade de gênero e fortalecer a presença feminina no meio acadêmico e, futuramente, no mercado de trabalho.

Palavras-chave: Mulheres em STEM, Permanência Feminina, Perspectiva Feminina, Apoio Estudantil, Mulheres em STEM, Permanência Feminina, Diversidade

PERSPECTIVA FEMININA EM STEM: EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DE PERMANÊNCIA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

1 INTRODUÇÃO

A participação feminina nas áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (*Science, Technology, Engineering, and Mathematics* - STEM), tem sido um dos temas mais relevantes no debate sobre equidade de gênero, tanto no ambiente educacional quanto no profissional. Historicamente, essas áreas foram predominantemente ocupadas por homens, e ao longo de uma década, o número de mulheres graduadas em STEM permanece por volta de 35% (UNESCO, 2022), reforçando estereótipos e desmotivando o ingresso feminino. No Brasil, após a pandemia de COVID-19, ocorreu uma queda brusca na formação em cursos STEM, tanto para homens quanto para mulheres, ainda assim, é válido salientar que entre 2013 e 2023 o número absoluto de mulheres ingressantes teve um aumento significativo de 29%, embora esse crescimento seja inferior ao observado entre homens, que foi de 56% (e-Cidadão, 2025).

Pesquisas mostram que, já no ensino médio, muitas meninas veem as salas de ciências como ambientes pouco acolhedores, sentem-se menos confiantes em suas próprias habilidades e são desencorajadas por estereótipos que associam STEM exclusivamente aos homens, o que não só dificulta a decisão de ingressar nessas áreas, mas também afeta a permanência e o rendimento acadêmico ao longo da graduação (Oliveira; Gava; Unbehau, 2019). Assim, os obstáculos enfrentados pelas mulheres em STEM são múltiplos: desde a escolha do curso até a permanência e desempenho acadêmico.

Este estudo tem como objetivo compreender, por meio da análise de dados coletados com alunas de cursos da área tecnológica, suas percepções, motivações, barreiras enfrentadas e estratégias adotadas para permanecerem nesses campos. A investigação examina essas dimensões a partir de dados sistematizados, contemplando desde experiências prévias com tecnologia até a percepção de inclusão no ambiente universitário. A partir da análise de uma amostra de uma universidade brasileira, busca-se subsidiar a proposição de ações institucionais mais eficazes de apoio e promoção da permanência feminina nas áreas tecnológicas.

2 METODOLOGIA

2.1 Instrumento de coleta de dados

Este estudo adotou uma abordagem exploratória de natureza qualitativa e quantitativa, com o objetivo de compreender as experiências de alunas em cursos da área de STEM em uma universidade brasileira. Para a coleta de dados, foi elaborado um formulário digital por meio da plataforma Google Forms, o qual foi divulgado em grupos de estudantes vinculados à instituição em análise.

O questionário foi construído com base em categorias analíticas previamente definidas, contemplando tanto questões fechadas (de múltipla escolha e escalas) quanto abertas, de modo a permitir a coleta de dados estruturados e narrativas pessoais. As perguntas foram organizadas em blocos temáticos que abordavam: (i) experiências pessoais e vivências anteriores com tecnologia; (ii) fatores que influenciaram a escolha do curso; (iii) percepção

de barreiras e inclusão no ambiente acadêmico; (iv) níveis de autoconfiança e autoeficácia acadêmica; (v) formas de apoio institucional recebidas; e (vi) sugestões das estudantes para a melhoria da permanência feminina nos cursos tecnológicos.

2.2 Procedimentos de análise

Tratamento e limpeza de dados

Para a análise, trabalhamos com 32 respostas coletadas por meio do Google Forms. Primeiramente, importamos a planilha para o Python utilizando a biblioteca Pandas, conferindo cuidadosamente os nomes de colunas e os tipos de variáveis. Durante este processo, identificamos valores ausentes e tratamos ocorrências pontuais para evitar distorções. Em seguida, aplicamos rotinas de normalização textual com a remoção de acentos, padronização de letras maiúsculas e minúsculas, para garantir uniformidade nas respostas abertas e facilitar a interpretação dos dados.

Estatísticas descritivas e visualização exploratória

Paralelamente, calculamos estatísticas descritivas, calculando média, mediana, extremos e desvio-padrão, e construímos tabelas de frequência, o que nos forneceu o panorama geral do perfil formativo das participantes. Na etapa seguinte, empregamos gráficos, e visualizações exploratórias para tornar os resultados mais intuitivos, permitindo identificar padrões e tendências nas respostas.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A análise descritiva das 32 respostas indica que a idade média é de 20,25 anos, com a faixa etária variando entre 17 anos (ingressantes) e 24 anos, como mostra a Tabela 1.

Tabela 1 – Estatística Descritiva

Estatística	Idade
Mínimo	17.0
Média	20.25
Mediana	20.0
Máximo	24.0
Desvio Padrão	1.9344

Fonte: autoria própria, 2025.

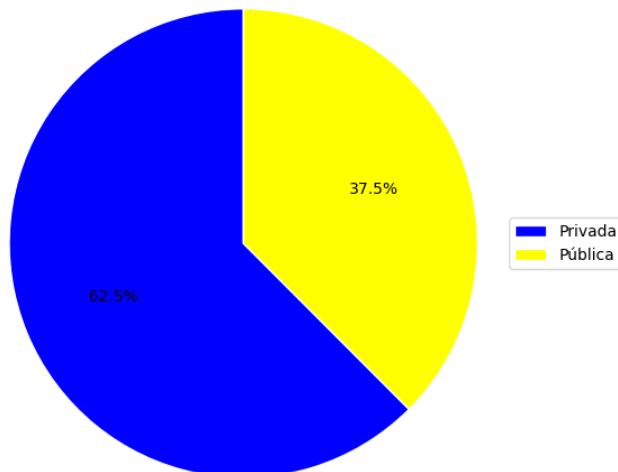
Os dados obtidos revelam um panorama multifacetado da vivência das alunas em STEM. Apresentamos a seguir, de maneira organizada, os principais temas emergentes da análise, com foco nos aspectos mais citados pelas participantes.

3.1 Experiências pessoais

Rede escolar

Observa-se no gráfico 1 que 62,5% das alunas provêm de escolas privadas, um dado que sugere a investigação de até que ponto essa origem escolar influencia a escolha e o desempenho em cursos STEM.

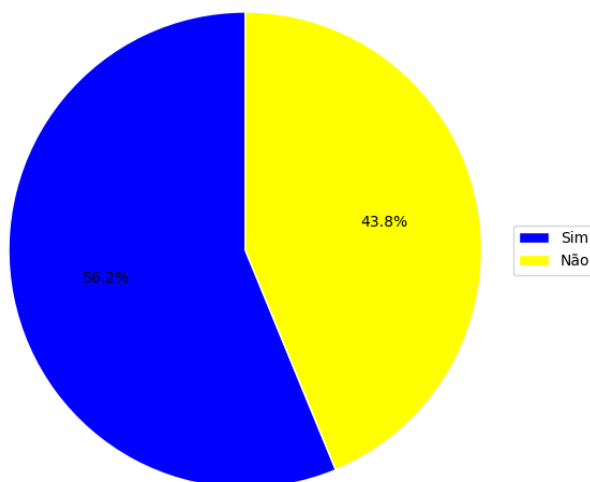
Gráfico 1 – Rede Escolar



Fonte: autoria própria, 2025.

Contato com tecnologia

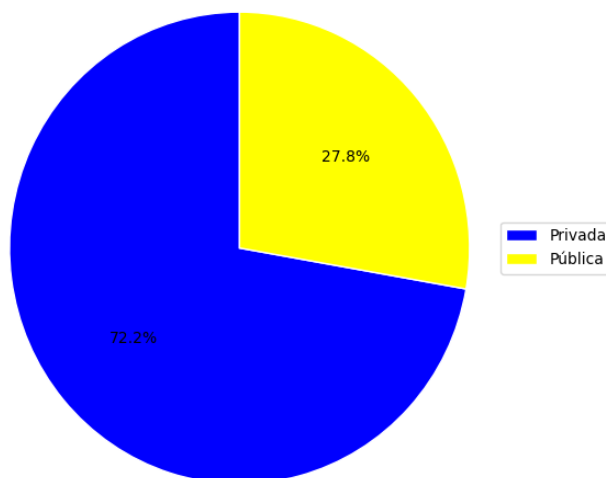
Gráfico 2 – Contato prévio das alunas com cursos ou atividades da área de tecnologia



Fonte: autoria própria, 2025.

Ademais, de acordo com o gráfico 2, podemos observar que 56,2% das alunas entrevistadas relataram ter tido contato prévio com atividades na área de tecnologia, e, desse grupo, 72,2% frequentavam instituições privadas, como mostrado no gráfico 3 abaixo, reforçando a ideia de que o acesso a experiências práticas em ciências e tecnologia é mais frequente no ambiente privado.

Gráfico 3 – Comparação entre rede particular e pública relacionado ao contato com os cursos/atividades.



Fonte: autoria própria, 2025.

De acordo com o British Council, escolas privadas, especialmente no Sudeste e no Sul, tendem a dispor de laboratórios equipados, kits de robótica e programas de formação continuada para professores de ciências e matemática, enquanto muitas escolas públicas enfrentam carências de infraestrutura e recursos didáticos, limitando a vivência prática dos estudantes em STEM (BRITISH COUNCIL, 2022).

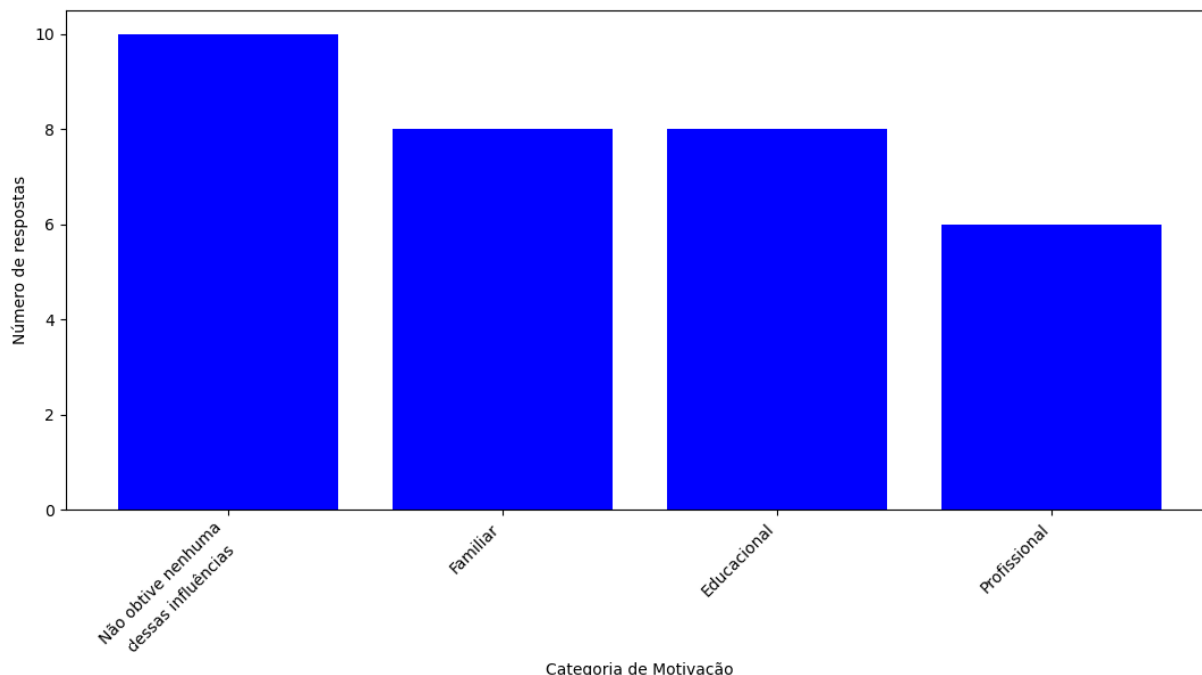
3.2 Influências para a escolha do curso

O estudo de Silva et al. (2023) oferece um olhar sensível e necessário sobre como meninas do ensino fundamental percebem sua relação com as carreiras em STEM. Por meio de um questionário qualitativo, as autoras investigaram quais fatores influenciam a escolha profissional dessas alunas ainda na educação básica, revelando que tanto o ambiente familiar quanto a estrutura escolar exercem um peso significativo nesse processo.

Um dos pontos centrais identificados foi a influência familiar. Muitas meninas relataram que as expectativas de pais, mães, tios ou irmãos mais velhos frequentemente apontam para carreiras tradicionalmente associadas ao cuidado, como Medicina, Enfermagem, Pedagogia ou Psicologia. Esse direcionamento, ainda que muitas vezes bem-intencionado, é acompanhado por uma ideia implícita, ou explícita, de que áreas ligadas à exatas são “coisa de menino”, o que pode desestimular as meninas desde cedo a se aventurarem pelo mundo da tecnologia ou da engenharia. Por outro lado, quando há estímulo e visibilidade, muitas meninas passam a se ver como possíveis cientistas, engenheiras ou programadoras.

Motivações familiares e escolares

Gráfico 4 – Influências para a escolha do curso



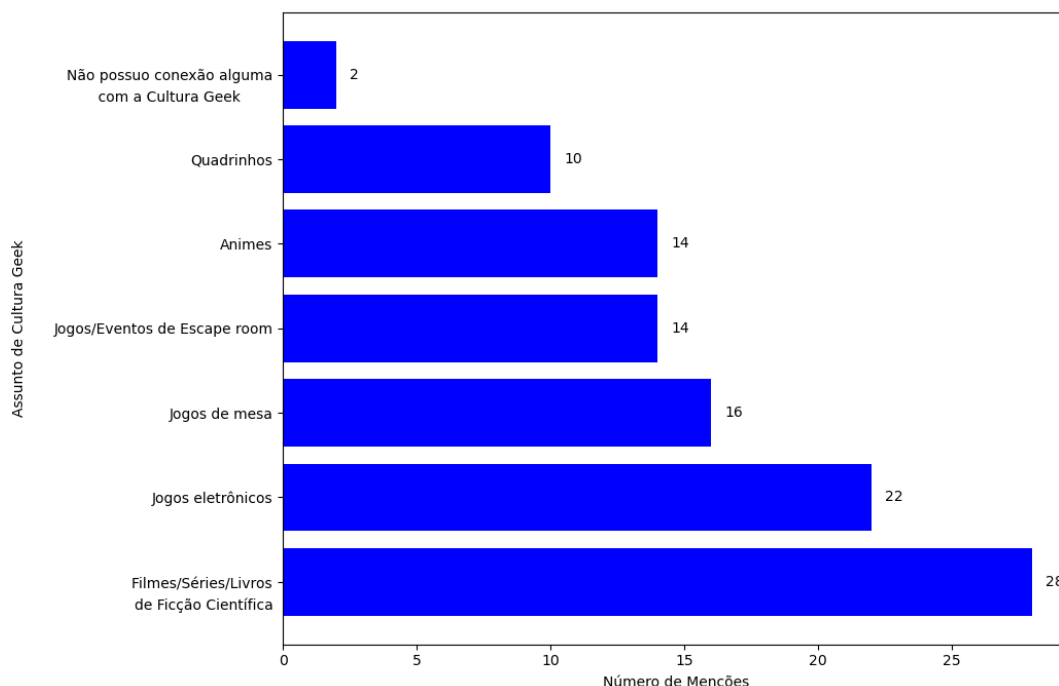
Fonte: autoria própria, 2025.

No gráfico 4, podemos ver um resultado diversificado sobre o que as levou a escolher um curso em STEM: Dez alunas relataram que não sentiram nenhuma influência, foi uma escolha “pessoal”, sem um fator externo decisivo. Oito alunas acreditam que a família teve um papel importante nessa decisão, seja encorajando ou apresentando boas referências sobre carreiras científicas. Outras oito apontaram a própria escola como influência, citações comuns foram professores inspiradores, clubes de robótica e feiras de ciências que despertaram a curiosidade. Por fim, seis alunas mencionaram motivações ligadas ao mercado: a perspectiva de um bom salário, a reputação da área ou mesmo o desejo de trabalhar em um setor considerado promissor.

Conexão com a cultura Geek

É possível perceber uma conexão relevante, e muitas vezes negligenciada, entre a vivência de meninas e mulheres na cultura geek e o desenvolvimento de interesse pelas áreas STEM. A cultura geek, tradicionalmente associada a interesses como jogos eletrônicos, ficção científica, super-heróis, tecnologia e fandoms de fantasia, pode atuar como uma ponte de aproximação das meninas com temas ligados à ciência e tecnologia (Butcher, 2021).

Gráfico 5 – Interesse na cultura Geek



Fonte: autoria própria, 2025.

Ainda analisando possíveis influências que direcionam as mulheres às áreas STEM, reservamos um espaço no questionário voltado exatamente para conteúdos geeks. Como podemos observar no gráfico 5, das 32 alunas questionadas, apenas duas disseram não ter afinidade nenhuma com algum assunto de cultura geek. Fizemos um gráfico relacionando os assuntos com o número de menções, visto que a grande maioria das alunas possuem afinidade com vários assuntos, reforçando essa conexão relevante das mulheres na cultura geek e o desenvolvimento de interesse pelas áreas STEM.

No entanto, essa relação não é simples. A autora Butcher demonstra que, embora muitas jovens mulheres tenham se sentido atraídas por esses universos desde cedo, suas experiências dentro da cultura geek foram marcadas por uma constante necessidade de validação, como se tivessem que provar o tempo todo que “pertencem” a esses espaços, historicamente dominados por homens, assim como nas áreas STEM.

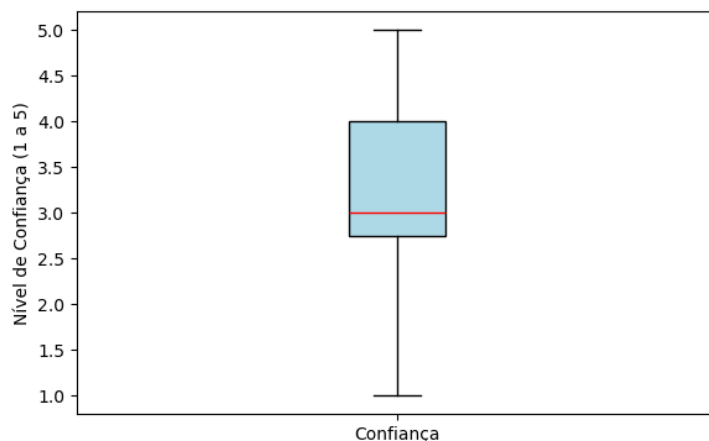
Essa barreira, que é muitas vezes sutil, pode afetar diretamente o sentimento de pertencimento a carreiras técnicas, o que impacta o ingresso e a permanência de mulheres em cursos e profissões STEM. A pesquisa revela que quando as meninas são incentivadas e acolhidas em espaços onde podem explorar livremente seus interesses geek (como clubes de jogos, comunidades online, feiras de ciências e eventos de fandom), elas relatam maior confiança para considerar áreas como computação, engenharia e física como possíveis trajetórias futuras, assim, a cultura geek pode ser tanto uma oportunidade quanto uma barreira.

3.3 Autoconfiança

O gráfico 6 foi construído a partir das respostas à pergunta “Em uma escala de 1 a 5, como você avalia sua confiança em lidar com as disciplinas do curso?” sintetiza, de modo bastante expressivo, o panorama geral de como as alunas percebem a própria capacidade de enfrentar o currículo. A linha central dentro do boxplot indica a mediana, posicionada exatamente em 3. Em termos práticos, isso revela que metade das estudantes atribuiu nota

3 ou menor e a outra metade atribuiu nota 3 ou maior à sua confiança, situando-se, portanto, em um patamar intermediário da escala.

Gráfico 6 – Confiança com as disciplinas



Fonte: autoria própria, 2025.

O valor mínimo de 1, no extremo inferior, chama a atenção para a existência de ao menos uma estudante que se percebeu com confiança muito baixa. Por outro lado, o valor máximo de 5, no extremo superior, registra quem se sente plenamente segura. Entre esses polos, percebemos uma leve assimetria à direita: enquanto o intervalo entre o primeiro quartil e a mediana é menor, o trecho que vai do terceiro quartil até o máximo se mostra mais alongado, indicando que há um número razoável de alunas reportando níveis de confiança mais elevadas (4 ou 5).

A autoconfiança em habilidades quantitativas, ou seja, a crença de que conseguem lidar bem com as matérias, revela-se um dos principais sustentáculos para que as estudantes permaneçam em cursos de STEM (Talley; Ortiz, 2017). Embora outras motivações, como o comprometimento com objetivos profissionais ou o apoio familiar, também sejam relevantes, manter-se firme a sensação de “eu consigo” diante das disciplinas, costuma decidir se a aluna seguirá em frente ou abandonará o curso, diante de desafios. Em outras palavras, a confiança não surge apenas como fruto de um bom desempenho: ela própria atua como força motriz. Saber que possui recursos internos para aprender e aplicar conceitos quantitativos dá as mulheres a segurança necessária para encarar avaliações difíceis, participar de projetos práticos e resistir às pressões externas que possam questionar sua capacidade.

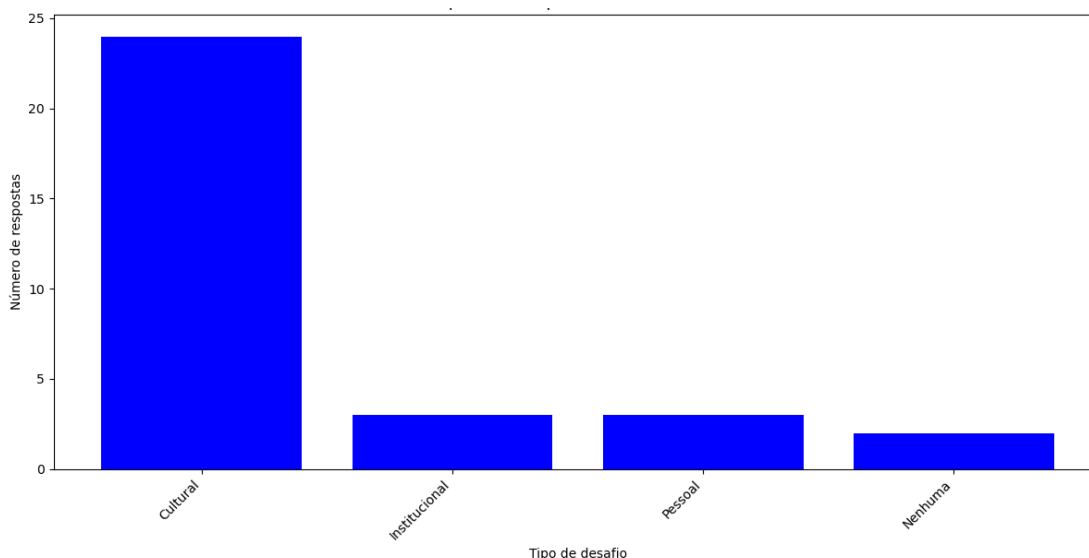
3.4 Barreiras percebidas e Inclusão *Barreiras*

Mulheres em cursos de STEM enfrentam uma série de desafios que vão muito além do próprio conteúdo acadêmico. Desde o início da graduação, elas se deparam com fenômenos como o “efeito tesoura”, efeito que denomina a queda progressiva na participação feminina ao longo dos semestres, diminuindo ainda mais a representatividade feminina na universidade e eventual diminuição da confiança, e como a sensação de “não pertencer” a um ambiente predominantemente masculino (Boffi, 2021). Estereótipos de gênero se manifestam em pequenas atitudes, e reforçam a ideia de que ciência e tecnologia seriam “coisas de homem”.

Ao mesmo tempo, segundo a autora Boffi, a falta de políticas institucionais de apoio faz com que muitas estudantes se sintam isoladas: não há mentorias voltadas para mulheres, poucos grupos de pesquisa são conduzidos por pesquisadoras, e escasseiam

espaços nos quais elas possam compartilhar dúvidas sem receio de julgamento. Esse conjunto de fatores: ambiente hostil, falta de apoio, recursos limitados e baixa autoconfiança acaba por minar a permanência feminina em STEM.

Gráfico 7 – Tipos de barreiras que enfrentam ao longo do curso



Fonte: autoria própria, 2025.

Como podemos observar no gráfico 7, a maioria das estudantes reconhecem a barreira cultural como o maior desafio que encontram na universidade. Reconhecer as barreiras é fundamental para entender até que ponto as mulheres navegam por esse cenário de obstáculos, citados por Boffi, ao longo de sua trajetória acadêmica e criar ações de permanência mais eficazes.

Figura 1 – Nuvem de palavras: Desafios que imaginam enfrentar, ou enfrentam, durante sua trajetória



Fonte: autoria própria, 2025.

Quando perguntadas sobre os desafios específicos que esperam enfrentar ao longo de sua trajetória em STEM, muitas estudantes destacaram barreiras claramente enraizadas

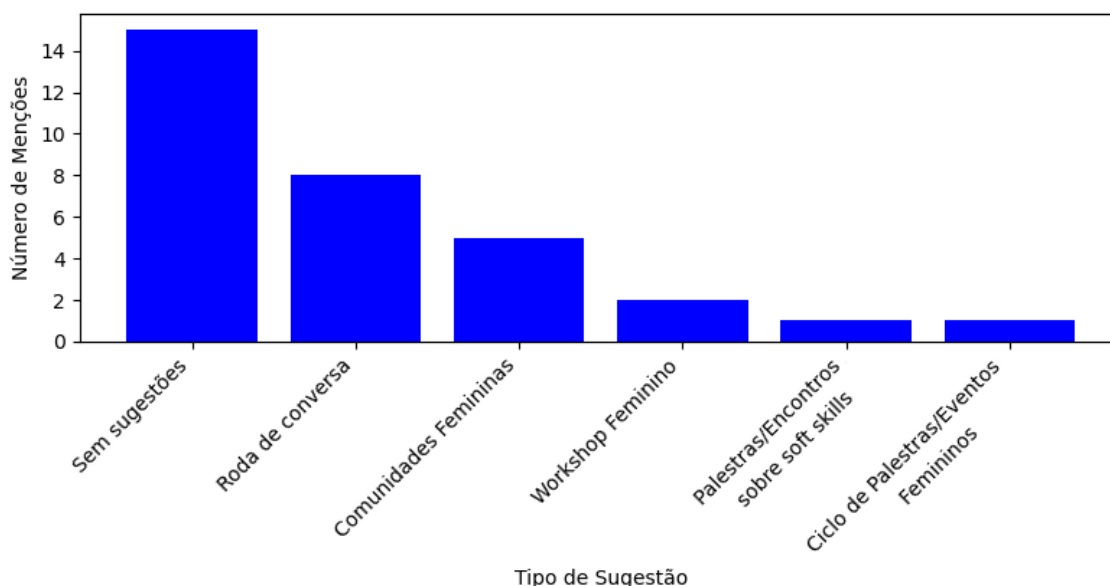
na cultura acadêmica e profissional. Para visualizar melhor essas percepções, construímos uma nuvem de palavras (Figura 1), na qual “homens” aparece em destaque, frequentemente associado a termos como “preconceito”, “provar”, “machismo”, “respeito”, “assédio” e “desigualdade”. Esse padrão evidencia que, para muitas alunas, a necessidade de demonstrar competência diante dos pares masculinos continua sendo uma batalha constante.

Outro termo que sobressai na nuvem é “falta”, que aparece em conexão com “mulheres”, “trabalho”, “ambiente”, “mercado” e “reconhecimento”. Isso reforça a percepção de ausência de suporte, seja na forma de representatividade feminina, redes de colaboração ou políticas institucionais e profissionais que valorizem as mulheres em STEM. Assim, além de ter que se provar continuamente para os homens, muitas alunas relatam sentir carência de oportunidades equitativas de inserção no mercado, de um ambiente acolhedor e de reconhecimento justo de suas competências, o que põe em xeque não apenas seu senso de pertencimento, mas também sua motivação para seguir adiante.

3.5. Sugestões de permanência e apoio institucional

Sem o suporte contínuo, seja emocional, acadêmico ou institucional, muitas alunas acabam desistindo diante dos desafios que surgem ao longo do percurso. Programas de mentoria, bolsas específicas, redes de apoio, formação de professores e centros de reforço acadêmico formam um conjunto que, quando articulado, não apenas reduz a evasão, mas também fortalece a confiança e o senso de pertencimento (Batista; Melo, 2025).

Gráfico 8 – Sugestões para permanência estudantil feminina



Fontes: autoria própria, 2025.

Finalmente, arrecadamos sugestões destas alunas para a permanência e apoio estudantil feminino. Apesar de quase metade das respostas serem “sem sugestões”, o destaque de sugestões ronda sobre “rodas de conversa”, lugar onde possam se apoiar, discutir sobre sonhos, ambições e desafios, e “comunidades femininas”, com clubes estritamente femininos sobre assuntos em que a participação costuma ser majoritariamente masculina (como clube de mercado financeiro ou clube de jogos) e grupo de mentoria

feminina, tanto para assuntos que permeiam o ambiente acadêmico quanto profissional. Ambas sugestões dadas pelas alunas circundam o “senso de pertencimento” e pedem por maior integração feminina.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, buscamos dar voz a 32 alunas para compreender, de maneira mais profunda, como elas têm vivido a experiência acadêmica em cursos predominantemente masculinos. Em nossas análises, constataram-se diversos aspectos que, em conjunto, desenham uma jornada marcada por desafios, mas também por muita determinação e vontade de permanecer em STEM.

Ao observar o perfil formativo, a evidência de que, dentro do grupo que já possuía contato prévio com tecnologia, 72,2% estudavam em rede privada reforça a ideia de que recursos institucionais ainda representam uma vantagem substancial para quem frequentou escolas com maior investimento em infraestrutura. Essa constatação chama atenção para a urgência de políticas que ampliem, em especial, o acesso de jovens de escolas públicas a experiências práticas em ciências e tecnologia, criando, desde o ensino fundamental, espaços de aprendizagem que estimulem a confiança e o gosto por STEM.

A partir dos gráficos sobre “influências para a escolha do curso”, percebemos que, apesar de uma parcela significativa de alunas terem reportado nenhuma influência, a influência familiar e a atuação da própria escola permanecem fatores centrais. Esse resultado alinha-se a estudos anteriores (Silva et al., 2023), nos quais se observa que, quando há famílias ou professores que demonstram interesse por carreiras científicas, a jovem se sente mais encorajada a vislumbrar a trajetória em STEM. Segue-se, portanto, que ações de divulgação científica direcionadas às escolas, especialmente públicas, e a formação de professores devem ser fortalecidas para que, já no ensino médio, as meninas sintam que pertencem a esses espaços de conhecimento. Quando olhamos para a conexão com a cultura geek, ficou claro que a maioria das alunas nutre afinidade com temas como quadrinhos, jogos eletrônicos, séries de ficção científica e eventos de tecnologia. Em nosso recorte, somente duas estudantes admitiram não se identificar com nada desse universo. Ainda que esse vínculo não seja suficiente para garantir a permanência, ele representa uma ponte valiosa para retroalimentar o interesse científico e tecnológico. Entretanto, consoante o que apontam Butcher (2021) e outras autoras, é preciso cuidado para que esses eventos não se tornem “espaços de prova”, em que as jovens sintam que precisam demonstrar constantemente suas competências, criar ambientes de acolhimento genuíno.

O boxplot que apreendeu a autoconfiança das alunas apontou duas mensagens-chave: primeiro, a mediana igual a 3 mostra que, em geral, essas jovens se veem com confiança moderada para encarar as disciplinas, nem totalmente inseguras, nem plenamente seguras; segundo, a leve assimetria à direita evidencia que existe um grupo expressivo que se sente mais confortável (notas 4 ou 5). De certa forma, esse dado sinaliza um horizonte promissor: há quem se sinta capacitada e pronta para auxiliar colegas, atuar como mentora e criar redes de apoio. Por outro lado, identificar as alunas com confiança nos patamares 1 e 2, ainda que em número menor, revela a urgência de iniciativas de tutoria, de reforço de conteúdos e, sobretudo, de escuta ativa. Criar programas de mentoria, em que estudantes de semestres mais avançados acompanhem as mais novas, dividindo estratégias de estudo, pode ser um caminho bastante efetivo para elevar a autoconfiança coletiva.

No que tange às barreiras percebidas, a nítida predominância da dimensão cultural, manifestada por preconceitos, machismos sutis e questionamentos sobre a “pertinência” das mulheres. Políticas institucionais de acolhimento, que englobem mentorias específicas para

alunas, grupos de pesquisa coordenados por mulheres e rotinas de sensibilização de professores e colegas, podem reduzir o “efeito tesoura” (Boffi, 2021) e frear o esvaziamento gradual de jovens talentosas que, muitas vezes, desistem por se sentirem isoladas ou desvalorizadas.

Por fim, quando convidamos as alunas a sugerir atividades para promover a permanência feminina, uma parcela significativa não soube apontar algo concreto. Ainda assim, as sugestões que emergiram, rodas de conversa, comunidades femininas, clubes de estudo e grupos de mentoria, aportam pistas sobre quais necessidades precisam ser supridas. As rodas de conversa, por exemplo, funcionam como espaços de descompressão e troca; nelas, o acolhimento e a partilha de histórias criam laços que reforçam o senso de pertencimento. Já os clubes de estudo ou comunidades exclusivas para mulheres, sejam focados em programação, em investigações de robótica ou em simples grupos de discussão sobre carreira, ajudam a construir identidade coletiva e empoderamento. Em todos esses casos, a ênfase recai no fortalecimento de redes internas de apoio, nas quais cada jovem saiba que não está sozinha, que outras já trilharam aquele caminho e podem indicar rotas de superação.

AGRADECIMENTOS

Ao concluir este trabalho, registro meus sinceros agradecimentos à Universidade (omitida para revisão), por oferecer apoio acadêmico, formação de excelência e o ambiente estimulante, determinantes para a consolidação das ideias e a execução das etapas da pesquisa. Agradeço ao Projeto (omitido para revisão), pela oportunidade de inserção em um grupo que valoriza a presença feminina nas áreas de Ciências Exatas.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Maria Aparecida Freire; MELO, Carlos Ian Bezerra de. Ingresso e permanência de mulheres na Matemática: iniciativas que promovem a equidade de gênero [Entry and retainment of women in mathematics: initiatives that promote gender equity]. **Revista Cocar**, Belém, v. 22, n. 40, p. 1-20, 2025. ISSN 2237-0315.

BOFFI, Letícia Carolina; OLIVEIRA-SILVA, Ligia Carolina. Enfrentando as estatísticas: estratégias para permanência de mulheres em STEM. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, Belo Horizonte, v. 14, n. esp, p. 1–27, dez. 2021. DOI: 10.36298/gerais202114e16922.

BRITISH COUNCIL; Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília; Fundação Oswaldo Cruz; Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Universidade Federal de Santa Catarina. **Panorama de educação STEM no Brasil [Internet]**. Porto Alegre: British Council, 2022. Disponível em: https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/relatorio_completo_panorama_stem_0.pdf. Acesso em: 29 maio 2025.

BUTCHER, Madeleine D. **“Geeks and She-eks”: The Relationship Between Younger Women’s Experiences in Popular Geek Culture and Their Interest in STEM Fields**. Tese (Mestrado) - Eberly College of Arts and Sciences. West Virginia University, 2021. Disponível em: <https://researchrepository.wvu.edu/etd/8283>. Acesso em: 29 maio 2025.

E-CIDADÃO. **Apenas 27% das mulheres em cursos de ciências concluem os estudos em 2023 [Internet]**. Disponível em:

<https://e-cidadao.org/apenas-27-das-mulheres-em-cursos-de-ciencias-concluem-os-estudos-em-2023/>. Acesso em: 16 maio 2025.

OLIVEIRA, Elisabete Regina Baptista de; GAVA, Thais; UNBEHAUM, Sandra. STEM Education and Gender: A Contribution to Discussions in Brazil. **Cadernos de Pesquisa Scielo Brazil**, São Paulo, v. 49, n. 171, p. 00-00, Jan.–Mar. 2019.

SILVA, Aline de Galés; PRADO, Renata Muniz; MORO, Mirella M.; ARAUJO, Aleteia. Autopercepção de Meninas do Ensino Básico em Relação às Carreiras de STEM. In: WOMEN IN INFORMATION TECHNOLOGY (WIT), 17. , 2023, João Pessoa, PB. **Anais [...]**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2023 . p. 91-102. ISSN 2763-8626. DOI: <https://doi.org/10.5753/wit.2023.230020>.

TTALLEY, K. G.; ORTIZ, A. M. Women's interest development and motivations to persist as college students in STEM: a mixed methods analysis of views and voices from a Hispanic-Serving Institution. *International Journal of STEM Education*, [s.l.], v. 4, n. 5, p. 1-24, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1186/s40594-017-0059-2>.

UNESCO. **Gender equality in STEM education [Internet]** Disponível em: <https://www.unesco.org/en/gender-equality/education/stem>. Acesso em: 16 maio 2025.

PERSPECTIVA FEMININA EM STEM: EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DE PERMANÊNCIA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Abstract: *A participação feminina nas áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (STEM) permanece historicamente abaixo do ideal, com cerca de 35% de graduadas mundialmente. Além da redução geral de ingressos em STEM após a pandemia de COVID-19, as mulheres enfrentam estereótipos desde o ensino médio, que afetam sua confiança, decisão de ingressar e desempenho acadêmico. Este estudo busca compreender, a partir de dados coletados junto a alunas de uma universidade brasileira, as percepções, barreiras, motivações e estratégias de permanência no ensino superior em STEM. Ao focalizar as dimensões socioculturais e institucionais de inclusão, pretende-se identificar fatores que promovam ações mais efetivas de apoio às mulheres em cursos STEM, contribuindo para reduzir a disparidade de gênero e fortalecer a presença feminina no meio acadêmico e, futuramente, no mercado de trabalho.*

Keywords: *Mulheres em STEM, Permanência Feminina, Diversidade*

